

ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS PARA UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO



Wilson Noé Garcés Aguilar

(Organizador)

ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS PARA UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO



Wilson Noé Garcés Aguilar

(Organizador)

2020 by Editora Artemis
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2020 Os autores
Copyright da Edição © 2020 Editora Artemis
Edição de Arte: Bruna Bejarano
Diagramação: Helber Pagani de Souza
Revisão: Os autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*.
Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Editora Chefe:

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Organizador:

Wilson Noé Garcés Aguilar

Bibliotecário:

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial:

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College - USA
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín - Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo

Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP)
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca - Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A283 Administração de empresas para um mundo em transformação /
Organizador Wilson Noé Garcés Aguilar. – Curitiba, PR: Artemis,
2020.
121 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-12-5

DOI 10.37572/EdArt_125300720

1. Administração de empresas. 2. Planejamento estratégico.
I. Aguilar, Wilson Noé Garcés.

CDD 658.4012

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

APRESENTAÇÃO

Asistimos a un mundo que se transforma constantemente en la biosfera y en la vida social, en consecuencia, la generación de nuevo conocimiento debe corresponder al entendimiento, interpretación y comprensión de los cambios sustanciales en el campo de conocimiento de la administración de empresas para la ampliación de los marcos de referencia con los cuales logramos explicar y aportar en la relación empresas, sociedad, instituciones y Estado.

El libro “**Administración de empresas para un mundo en transformación**” es un esfuerzo de diversos investigadores, en el cual se aborda las lógicas de acción empresariales, institucionales y de grupos sociales desde estudios de casos particulares y sectoriales.

En tal sentido, el lector encontrara un abordaje contemporáneo en el estudio de la administración de empresas, marcado por la interdisciplinariedad, la divergencia de objetos de estudios, actores y organizaciones, lo cual evidencia que ante un mundo en transformación requerimos de una administración de empresas en constante construcción y deconstrucción.

Wilson Noé Garcés Aguilar

Assistimos a um mundo em constante transformação na biosfera e na vida social. Consequentemente, a geração de novos conhecimentos deve possibilitar a interpretação e compreensão de mudanças substanciais no campo de estudos em administração de empresas, para que se possa expandir os quadros de referência com os quais podemos explicar e contribuir para o relacionamento entre empresas, sociedade, instituições e Estado.

O livro “**Administração de empresas para um mundo em transformação**” é um esforço de diversos pesquisadores que abordam a lógica das ações de grupos empresariais, institucionais e sociais a partir de estudos de caso particulares e setoriais.

Nesse sentido, o leitor encontrará uma abordagem contemporânea no estudo de administração de empresas, marcada pela interdisciplinaridade, a divergência de objetos de estudo, atores e organizações, o que demonstra que, diante de um mundo em mudança, requer-se que a administração de empresas esteja em constante construção e desconstrução.

Wilson Noé Garcés Aguilar

SUMÁRIO

LÓGICAS DE AÇÕES EMPRESARIAIS

CAPÍTULO 1 1

FATORES CONDICIONANTES AO SUCESSO DE STARTUPS

Fabiano Alves Pereira
Ana Claudia Granato
Geoffroy Roger Pointer Malpass

DOI 10.37572/EdArt_1253007201

CAPÍTULO 2 13

EMPREENDEDORISMO E ESTRATÉGIA GERENCIAL: OS RESPONSÁVEIS PELO FORTALECIMENTO DA MARCA DA FÁBRICA DE BALAS DE BANANA ANTONINA

Hugo Leonardo de Freitas
Suelen dos Santos Plante
Geórgia da Cunha Ben

DOI 10.37572/EdArt_1253007202

CAPÍTULO 3 27

ESTRATÉGIAS DE SUPRIMENTOS E SELEÇÃO DE FORNECEDORES: UM ESTUDO DE CASO

Natália Delfes Zago
Ana Claudia Granato
Flávio Molina da Silva
Geoffroy Roger Pointer Malpass

DOI 10.37572/EdArt_1253007203

CAPÍTULO 4 40

ADAPTAÇÃO, CONSTRUÇÃO DE VALOR E DIFERENCIAÇÃO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS INSTITUCIONAIS PARA O POSICIONAMENTO DOS CAFÉS DO BRASIL

Marco Aurélio Oliveira Santos
Diego Pereira Costa
Léo César Parente de Almeida

DOI 10.37572/EdArt_1253007204

LÓGICAS DE AÇÕES DE INSTITUIÇÕES E DE GRUPOS SOCIAIS

CAPÍTULO 5 52

O PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS (PROUNI) SOB A ÓTICA DA TEORIA DO PROGRAMA

Ivy Silva Costa
Suely de Fátima Ramos Silveira

DOI 10.37572/EdArt_1253007205

CAPÍTULO 6 67

DESCENTRAR-NOS E IMPENSAR-NOS LOS ESTUDIOS ORGANIZACIONALES ENCLAVE DE UNA LATINOAMERICA DIVERSA

Wilson Noé Garcés Aguilar
Lina Juliana Robayo Coral

DOI 10.37572/EdArt_1253007206

CAPÍTULO 7	78
ESTUDO DO COMPORTAMENTO HUMANO FRENTE ÀS MUDANÇAS ORGANIZACIONAIS, NA ZETHA, DURANTE O PERÍODO DE 2015/1	
Nicolle Oliveira Tavares	
Lucia Regina Silveira Auzani	
Ávilo Roberto de Magalhães	
Rosa de Almeida Freitas Albuquerque	
DOI 10.37572/EdArt_1253007207	
CAPÍTULO 8	94
A IMPORTÂNCIA DO PROGRAMA PATRONATO DE PARANAGUÁ NA REINserÇÃO DE EGRESSOS DO SISTEMA PENITENCIÁRIO NO MERCADO DE TRABALHO	
Luciane Silva Franco	
Geórgia da Cunha Ben	
Josiane Medeiros	
Antonio Carlos Franco	
DOI 10.37572/EdArt_1253007208	
CAPÍTULO 9	104
OS IMPACTOS DA ESTRUTURA URBANA NA MOBILIDADE DE CAMINHÕES NA CIDADE DE PARANAGUÁ SOB A PERSPECTIVA DOS CAMINHONEIROS	
Angela Schastai	
Gabriel Calazans	
Laís Caroline Nogueira	
Geórgia da Cunha Ben	
DOI 10.37572/EdArt_1253007209	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	119
ÍNDICE REMISSIVO	120

DESCENTRAR-NOS E IMPENSAR-NOS LOS ESTUDIOS ORGANIZACIONALES ENCLAVE DE UNA LATINOAMERICA DIVERSA

Data de submissão: 21/06/2020

Data de aceite: 15/07/2020

Wilson Noé Garcés Aguilar

PhD © en Administración de la Universidad del Valle

Docente investigador Corporación Universitaria Autónoma del Cauca

Facultad de Ciencias Administrativas, Contables y Económicas

Popayán - Cauca, Colombia

CvLac <https://bit.ly/2qvBHkE>

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0146-2894>

Lina Juliana Robayo Coral

Doctorante en Educación de la Universidad San Buenaventura

Docente investigadora Fundación Universitaria Católica Lumen Gentium Cali

Facultad de Educación

Cali - Valle del Cauca - Colombia

CvLac <https://cutt.ly/Wu0kliN>

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2011-0173>

RESUMEN: El pensamiento administrativo contemporáneo requiere de una lectura deconstructiva, pues se observa la intención de complementariedad y de avance científico que asigna a los estudios organizacionales por parte del mundo de la academia alejado de la

realidad, en tanto busca conservar el statu quo de la administración tradicional. El documento se propone ensayar sobre ¿y si nos descentramos del canon de la ciencia? ¿y si nos impensamos los estudios organizacionales? ¿y si nos asumimos en tanto investigadores “pertinentes” en una Latinoamérica de diversidad cultural, de luchas, de resistencias y/o alternativas a la modernidad? Las cuales en consecuencia con lo anterior le dan forma – contenido divergente a los estudios organizacionales en la contemporaneidad. De ahí que pretender desarrollar pensamiento administrativo podría ser comprendido desde el sentí-pensar, el cual implica una irrupción cognitiva y comprensiva de la administración tradicional para adentrarse en los contextos de diversidad socio-cultural y económica

PALABRAS CLAVES: Estudios organizacionales, diversidad, administración, proliferaciones

ABSTRACT: Contemporary administrative thought requires a deconstructive reading, since the intention of complementarity and scientific advance that it assigns to organizational studies by the world of academia is observed, far from reality, while seeking to preserve the status quo of traditional administration. The document intends to rehearse on what if we de-center from

the canon of science? What if we don't think about organizational studies? What if we assume ourselves as "pertinent" researchers in a Latin America of cultural diversity, struggles, resistance and / or alternatives to modernity? Which consequently with the above give shape - divergent content to contemporary organizational studies. Hence, trying to develop administrative thinking could be understood from the sense-think, which implies a cognitive and comprehensive irruption of the traditional administration to enter the context of socio-cultural and economic diversity.

KEYWORDS: Organizational studies, diversity, administration, proliferations

Introducción

El presente ensayo parte de preguntarse ¿por qué en pensamiento administrativo contemporáneo llegamos a los estudios de las organizaciones como eje medular?

Consideramos con esta pregunta poner en discusión y tensión la realidad que acontece en las escuelas de administración en Latinoamérica, y por ende a la administración tal y como la concebimos, como una hidra de Lerna, un ser mitológico que encierra cabezas prácticas e intelectuales, en la cual aún la perspectiva crítica resulta infértil y funcionales al discurso clásico y hegemónico, creando intramuros litigiosos de conocimiento experto, tribunales de la razón y pensamiento administrativos basados en autoridad y en narrativas con-coloniales.

De lo anterior señalamos con fuerza el ser mitológico en tanto se ha vuelto mito a los clásicos, leyéndose a conveniencia sus debates fundadores (Adler, 2009) y legitimándose sus interpretaciones por comunidades "científicas" que resultan ser la mano armada de la modernidad.

De ahí que el pensamiento administrativo contemporáneo sea necesario leerlo de manera deconstructiva, pues de contemporáneo se puede observar la intención de complementariedad y de avance científico (Gonzales-Miranda, 2014) que se les asigna a los estudios organizacionales por parte del mundo de la academia pero alejado de la realidad, en tanto conserva el statu quo de la administración tradicional.

No obstante en América Latina y en México de manera seminal Ibarra y Montaña (1992) abonan el camino para "la reflexión crítica de la realidad social" o del fenómeno social argumentando que "el estudio del fenómeno organizacional no puede ser considerado, sino como una forma relevante de comprensión de la propia realidad social".

Reflexionar la realidad social implica analizar la forma - contenido del materialismo dialéctico, instituyendo a manera de contenido la realidad social, en tanto la forma de comprensión "influye directamente el contenido" (Rosental y Ludin, 1942). Al respecto Medina-Salgado (2007) resalta que "en el momento actual se habla no solo de una teoría, sino de teorías de la organización para cobijar a la

organización como objeto de estudio, las organizaciones de facto y lo organizado a nivel social (Clegg, 1996)”

Medina-Salgado (2007) resalta dos tradiciones (contenidos): la “burocrática, en los estudios de Marx, Weber y Michels” preocupados por “los problemas de poder (Uriz, 1994), de la alienación y la libertad de la sociedad” y la “sustentada en el taylorismo y el movimiento de la ordenación científica consistente en elevar la productividad de la empresa”.

Las cuales en consecuencia con lo anterior le dan forma – contenido divergente a los estudios organizacionales en la contemporaneidad. Bajo esta perspectiva es pertinente como eje medular (los estudios de las organizaciones) en la contemporaneidad Latinoamericana

Nos preguntamos de manera sugerente ¿y si nos descentramos del canon de la ciencia? ¿y si nos impensamos los estudios organizacionales? ¿y si nos asumimos en tanto investigadores “pertinentes” en una Latinoamérica de diversidad cultural, de luchas, de resistencias y/o alternativas a la modernidad?

Descentrarnos de la pretensión de –canon– de ciencia en la Administración

La administración en su pretensión cientista se ha afincado en la parcialidad del entendimiento de autores tales como Adam Smith con la “división y la especialización del trabajo”, en la complementaria mirada económica de Charles Babbage para “volver aún más atractiva la "necesidad" de subdividir y especializar las tareas en mayor profundidad”, mientras Frederick Taylor genera los “medios para una racionalización científica de la organización del trabajo”.

Henri Fayol inserta “el pensamiento administrativo moderno” a partir de la “sistematización del trabajo del dirigente”, mientras Max Weber se centra en el “modelo racional de dominación y de burocracia”.

Entre otros autores en la administración, clásicos de por más, se han naturalizado en el paisaje el horizonte de racionalidad instrumental a favor de los patrones de poder.

Para Pfeffer (2000) que por cualquier vía, “el enfoque dominante en estos textos ha sido funcionalista...El lenguaje de la eficiencia y la eficacia, la presunción de intercambios y transacciones voluntarias (como en el modelo económico) y la invocación de las restricciones y presiones ambientales –competitivos o reglamentarios”

Legitimándose aún por los críticos contemporáneos tales como Aktouf (2001), quien reconoce en estos autores aportes fundamentales, complejos y profundos, que alimentaron la ideología centrada en “que los modelos más productivos son mejores”, “una voluntad casi ciega de poder y de riqueza”, “la rápida fructificación de

las utilidades y la especulación” como “racionalidad económica” junto con el desarrollo del mercado “esta racionalidad privilegia el lucro, la rentabilidad”

De ahí que asume que “la administración es un campo del saber en el que domina la ideología y no la ciencia”, que configura subjetividades, al reconocer que “aunque pueda parecer molesto, cuestionarse en profundidad sobre lo que hacemos, sobre lo que hemos hecho siempre, y ver cómo en cada uno y cada una de nosotros, en todo nivel, conscientes de ello o no, dormita un Taylor, un Fayol o un Weber y, más grave aún, Taylor, Fayol, Weber, deformados, desnaturalizados, mal entendidos, mal aplicados”

Bajo esta pretensión Alexander (1990) nos permite observar como la centralidad de clásicos y sus constantes interpretaciones y conversión a un aspecto vanaglorioso terminan por convertirse en un dispositivo de colonialidad del saber y la razón científica como dispositivo de fragmentación de la realidad en tanto segmentación y clasificación de las formas de conocer.

Construyendo un discurso religioso sobre la única forma de conocer en el mundo, bajo la pretensión universal, objetiva y perpetuando decimonómicamente los clásicos.

En ese sentido los clásicos han servido de fetiche a los desarmados investigadores contemporáneos, en tanto los marcos referenciales en la academia están basados en el conocimiento sobre los clásicos, en la reafirmación de los mismos y en la re-explicación de la realidad contemporánea a partir del clásico de preferencia, para con ello además adherirse a la comunidad que legitima a dicho clásico en una aparente elección.

De fondo por cualquier vía esta la alienación a conceptos por devoción, configurando un sistema de creencias para terminar amando las cabezas de la hidra que con su aliento colonizan de a poco el saber, le forma de conocer y por tanto de pensar.

Enmarcados en la lógica anterior descentrarnos implicaría un giro hacia la condición postmoderna que con Francois Lyotard nos permitiría identificar que “los vínculos sociales se han deteriorado, los grandes discursos emancipadores también; el saber instrumental se impone, el relato de la legitimación del saber ya no puede sustentarse, la idea de la verdad ha sido desplazada en el mundo del conocimiento por los juegos de lenguajes diferentes”

En ese sentido descentrarnos de la pretensión de canon implicaría disertar del conocimiento moderno en abstracto y utilitarismos academicistas cientistas en concreto. Así como del pensamiento “único” que configura sujetos institucionalizados o sujetos a prácticas sociales alienantes.

En principio porque la formalidad de conceptos, teorías, formas escriturales, institucionalizaciones y rigores académico/intelectuales sujetan los contenidos cognitivos a unas especies de diásporas narrativas con-coloniales, las cuales forjan

discursividades que encapsulan y reproducen verdades, encierran o crean intramuros litigiosos de conocimientos “expertos”, categorizan la realidad social en una o varias formas de conocer-separar desde el imaginario político-burocrático la realidad social, logrando con ello representaciones continuistas y homogéneas.

Impensarnos los estudios organizacionales

Pero si el descentrarnos nos dejaría sin un piso (ontológico para la tribu académica - universitaria) o marco referencial, el empezar a caminar probablemente sería necesario, y en este el impensarnos nos ayudaría a reflexionar.

Wallerstein (1999) llama a las ciencias sociales a la necesidad de impensarnos “debido a que muchas de sus suposiciones – engañosas y constrictivas, desde mi punto de vista – están demasiado arraigadas en nuestra mentalidad. Dichas suposiciones, otrora consideradas liberadoras del espíritu, hoy en día son la principal barrera intelectual para analizar con algún fin útil el mundo social”.

En este enclave no solo las personas estamos llamadas a impensar formas de conocer, de ser y de pensar, sino también las instituciones y en consecuencia “la performatividad dentro de un sistema social es la regla que define la pertinencia de las instituciones” (Villavicencia et al, 2001).

De ahí que en los estudios organizacionales siguiendo a Montaña (2004) “la organización, en tanto espacio social complejo, puede ser entendida como un punto de encuentro, donde se entrecruzan diversas lógicas de acción – política, cultural, afectiva, racional, etcétera-, múltiples actores que propugnan por diversos proyectos sociales y, por lo tanto, distintas interpretaciones del sentido institucional, reflejando intereses particulares, pero también ilusiones, fantasías y angustias”.

De esta manera impensar los estudios de la organización nos invitan como mínimo a un abordaje interdisciplinario o transdisciplinario de la realidad social, de interpretación densa, con pretensiones de inteligibilidad ante la realidad social, de deconstrucción de las representaciones, de cartografiar en el entramado geopolítico de la contemporaneidad, de pensarnos más allá del funcionalismo servil al capitalismo y por tanto al estudio comprometido con la trama de la vida, con la minga de resistencia, con matrices socio-culturales otras.

Los estudios organizacionales enclave de una Latinoamérica de diversidad

Si bien los estudios organizacionales han dado un giro cognitivo hacia lo cultural, lingüístico, el poder, la violencia, las anarquías, isomorfismos, psicoanálisis, entre otros, en una apuesta por comprensión ampliada de la realidad y partiendo que “todos

coinciden en que en las organizaciones se gesta una parte importante del proyecto social” (Montaño,2004), la circunstancialidad de la realidad Latinoamericana sin lugar a dudas hace un llamado al abordaje de esos “otros” proyectos sociales que con fuerza se levantan desde comunidades indígenas, afrodescendientes y campesinas.

Pues estas comunidades que hacen diversa a Latinoamérica en prácticas sociales, en formas de entendimiento de la realidad, en contenidos de la vida, en resistencias al sistema económico hegemónico y por tanto en epistemologías diversas y divergentes que reclaman justicia cognitiva.

Ante ello podríamos partir del hecho que los estudios organizacionales se han centrado en organizaciones propias de la modernidad y el capitalismo, tanto en la escala macro (geopolítica) como institucional (estado moderno, burocracia ideal, supuestos de administración tradicional) y por tanto de configuración del yo organizacional.

Por ello consideramos desde los estudios organizacionales que para abordar otras matrices socio-culturales se debe pensar en el diseño ontológico en tanto enclave del diseño organizacional, pretende ir a la esencia de la forma/contenido desde la cual se dan las organizaciones desde matrices culturales étnicas.

Por tanto, la incidencia que el trasegar histórico social tiene en el yo organizacional, en cuanto en esta se configura mundo (Heidegger, 1983), se refleja el espacio y tiempo (Heidegger, 1997), se manifiestan los sistemas de pensamiento (Cruz Kronfly, 2010), se genera lenguaje y se moviliza la palabra, configurándose la condición de humanidad (moderna/no moderna), la cual es agenciada a través de las identidades como dispositivo de gestión.

En ese sentido, el diseño ontológico determina el diseño organizacional, en tanto establece el marco referencial (Goffman, 2006) de la realidad social (Searle, 1995) y los sentidos del mundo de la vida. (Schutz y Luckmann, 2003).

Untarnos de TIERRA. El caso de la comunidad indígena MISAK

Con este último acápite intentaremos dar cuenta de la visión de organización, gestión y administración en la comunidad indígena Misak, para con ello dar un ejemplo de formas-contenidos “otras”, necesarias de ser abordadas en los estudios de las organizaciones.

A partir de un ejercicio participativo en la Misak Universidad ubicada en el Resguardo Misak frontera con el municipio de Silvia, Cauca durante el año 2019, vivenciamos en primera instancia una estética de Universidad circular

Imagen 1. Parte superior Universidad Misak.



Fuente: Autores

Con lengua propia, autonomía, respeto por la sabiduría de los mayores, creyentes en deidades tales como la madre tierra, apus (montañas), entre otros, que representan la naturaleza en forma de sujeto presente, aunque también influenciados fuertemente por la religión católica y cristiana.

En sus alrededores la Misak Universidad tiene artes que dan cuenta de la convivencialidad con las deidades, la autoridad que reconocen. La idea que la muerte no existe, en tanto seguimos vivos y estamos viviendo en una circularidad espiral, en un ir y venir constante.

Imagen 2. Parte inferior con artes Universidad Misak.



Fuente: Autores

Al entrar la circularidad se materializa como elemento estético, en un fogón abierto, con leñas que arden y cenizas en el suelo.

Alrededor del fogón se encuentran los taitas (abuelos sabios) y estudiantes de la Universidad. En este caso de lo que han denominado “Administración de lo Propio”.

En principio se habla en lengua Misak, y por cercanía comprendemos algunos diálogos. Describen como está el fogón y como este nos está representando. También hablan de sus vivencias de la semana y de lo acontecido en la comunidad. Finalmente nos presentan como invitados y profesor.

Nos propusimos hacer un encuentro de saberes, entre lo occidental en lo cual nos hemos formado y lo propio desde la visión Misak. De tal encuentro resulto lo siguiente:

En principio abordamos eso de lo propio, que para ellos significa el hogar, como base de pervivencia, de familia, de comida y de forma de dialogo. Desde un enclave de lo pasado-presente-futuro como un todo, como una constante que habitamos. Se pervive en unidad, se vive colectivamente.

Lo pre-existente es lo colectivo, en ello hay una procedencia de hermandad, de colaboración voluntaria desde adentro, como la minga, en la que se ayuda sin esperar nada a cambio, o como el cambio de mano que es una práctica de conciencia comunitaria y social. Pues en la comunidad esta lo personal y lo ancestral.

En cuanto a ORGANIZACIÓN distinguen que es un encuentro de personas que buscan el bien común, lo cual implica organización del hogar. Las formas de organización dependen del fin de complementariedad. Por ejemplo si es para actividad económica o territorial o política desde ley de origen o de destrezas – individuales. En cualquier sentido la organización asume rasgos de acción colectiva, pues las normas y parámetros deben preservar lo colectivo.

En cuanto a GESTION comentan que no existe tal en la comunidad. Sin embargo, se reconoce cuando se hacen proyectos con recursos del Estado. Pues dicen que de afuera delimitan, pero por dentro se hace.

En la comunidad se reconoce algo en lengua “tabarami” asociado con luchar en el ámbito de buscar. Es decir el ir haciendo, la gestión comunitaria de acción, la voluntad de fortalecer procesos, de hacer resistencia que suele ser funcional, contra las invasiones del sistema o móvil.

Imagen 3. Museo Payan, Resguardo Guambía. Municipio de Silvia, Cauca – Colombia.



Fuente: Autores

Por ADMINISTRACION se distingue el vencer desde el hablar, pues el hablar implica para ellos el pensar, mirar, escuchar y hacer. En lo social el hablar implica caminar la palabra, es decir se habla, se guarda silencio, se vuelve a hablar y se deja que la palabra por si misma camine entre las personas, de manera tal que quien quiera hablar lo puede hacer y al final la palabra misma sugiere el camino. En dicho

proceso ellos identifican ideas, desarrollo de ideas y resistencia ideológica a la forma como la palabra toma una forma de ser en comunidad.

Lo anterior es una visión de mundo, lo cual interpretarlo de manera ligera sería irresponsable. No obstante se podría plantear que hablar de administración desde las organizaciones sociales y comunitarias en contextos de diversidad étnica, cultural y social, implica un punto de partida pluralista⁴, pues el discurso universal de la administración moderna se irrumpe por un giro contra-hegemónico, particular, étnico y propio por parte de unas manifestaciones pre-modernas o no-modernas (Latour, 2007).

Las cuales de acuerdo con Latour (2007:19) se establecen desde una acepción asimétrica de la modernidad, y por tanto se expresan como unos “otros modos”, “otras” naturalezas-culturas”, es decir unas “formas otras”, las cuales invitan a indagar desde estudios comparativos.

Así pues, plantear las proliferaciones en la administración, implica mirar esa otra experiencia no moderna, que se entrecruza con la objetividad moderna, para elaborar “teorías inconsistentes con el punto de vista comúnmente aceptados” (Feyerabend, 1974:22), pues como lo plateara Mignolo (1997) habitaría los dos lados de la frontera.

Bajo ese panorama las proliferaciones en administración a estudiar en el proyecto tienen tres nodos, a saber: la organización, la gestión y la administración. Los cuáles serán vistos desde las perspectivas modernas-no modernas y se complementarán “siendo cada una de ellas insustituible” surtirán una estrategia de complementariedad perspectiva entendido por Ortega y Gasset (1966:198)

Por ello habrá que concluir que en la ruralidad las lógicas de organización y administración responden a la precarización del campo, la subsistencia de quienes lo habitan y en consecuencia de las políticas económicas, de tratados de libre comercio y la concesión del país al capital extranjero y sus prácticas de muerte.

No obstante, responden a la capacidad de resistencia en la práctica de quienes a pesar de un panorama desolador hacen de la ruralidad un espacio de libertad.

En esa medida habría que discutir el sentido de las organizaciones sociales en contexto de resistencia, subsistencia y pervivencia. En las cuales la administración vuelve a la esencia de la vida y propone el autogobierno como punto de partida, la razón comunal como espectro de convivencia y el bien común como proceso pero también como fin.

De ahí que pretender desarrollar pensamiento administrativo podría ser comprendido desde el sentí-pensar, el cual implica una irrupción cognitiva y comprensiva de la administración tradicional para adentrarse en los contextos de diversidad socio-cultural y económica propios de un Cauca diverso.

El sentí-pensar refiere a “la fusión de dos formas de interpretar la realidad, a partir de la reflexión y el impacto emocional, hasta converger en un mismo acto de conocimiento que es la acción de sentir y pensar” (Torre, 2001:01).

De esta forma sentí-pensar la administración, las organizaciones y la economía social y solidaria implica como lo dijera Quijano (2015:02) co-razonar con “los territorios, las culturas y los conocimientos de los pueblos —con sus ontologías—, más que con los conocimientos des-contextualizados que subyacen a las nociones de ‘desarrollo’, ‘crecimiento’ y, hasta, ‘economía’” (Escobar, 2015:16)

Es decir, partir por comprender el pluriverso de esos mundos otros en los cuales las categorías campesino, indígena, afro, rural se desdibujan ante la capacidad de pervivencia, y de esa forma de vida en las que se “asume la economía, en tanto negación de lo mío y/o de lo nuestro... tiene que ver con el tránsito de la ecoNOMía a las ecoSmías, las que en su diversidad no sólo dan cuenta de variaciones semánticas sino ante todo de procesos de (re)apropiación de lo nuestro, como de numerosos y significativos intercambios vitales, realizados a través de cooperaciones múltiples y en contextos andinos de diferencia, singularidad y heterogeneidad” (Quijano Valencia, 2012:27)

REFERÊNCIAS

ADLER S., Paul (2009) Introduction. A social Science which Forgets its Founders is lost, en Adler S. Paul (2009) The Oxford Handbook of Sociology and Organization Studies: Classical Foundations. Oxford. UK. P.p. 3-19.

ALEXANDER, Jeffrey. 1990 La centralidad de los clásicos, en Giddens, Anthony y Jonathan Turner, comps. 1990 La teoría social hoy. CNCA-Alianza. México. P.p. 22-80

Aktouf, Omar. (2001): La Administración: entre Tradición y Renovación. Cali: Ediciones Universidad del Valle, Tercera Edición en Español. Prólogo a la Edición Anterior Págs. XIX–XXVI. Introducción general. Págs. 1-12. Primera Parte.

Barnard, Chester. (1959): Las Funciones de los Elementos Dirigentes. Madrid: Instituto de Estudios Políticos. Traducción de Francisco F. Jardon. Introducción. Capítulos 1 al 5. Págs. 21-101. Conclusión. Págs. 317-365

Escobar, A. (2014). Sentipensar con la Tierra: Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio, y diferencia. Universidad Autónoma Latinoamericana, Medellín.

Feyerabend, P. (1975:1993). Contra el Método. Barcelona: Planeta

Gonzales-Miranda, D. R. (2014). Los estudios organizacionales. Un campo de conocimiento comprensivo para el estudio de las organizaciones. Innovar, 24(54), 43-58.

Guerra, P. (2006). La economía de la solidaridad. O la vuelta de los valores sociales a la economía. Revista Umbrales, 168.

Latour, Bruno (1991: 2007). Nunca fuimos modernos. Ensayo de antropología simétrica. Madrid: Siglo XXI].

Mayo, Elton. (1959): Problemas sociales de una civilización industrial. Buenos Aires: Ediciones Galatea Nueva Visión SRL. Págs. 7-42

Medina-Salgado (2007). ¿Que son los estudios organizacionales? Universidad EAFIT, Oct – Dic Vol 43 No 148. Medellin, Colombia. PP 9-24.

Montaño Hirose, Luis (2004) Compilador. El estudio de las organizaciones en Mexico. Cambio, poder, conocimiento e identidad. UAM Unidad Itztapalapa.

Montaño Hirose, Luis (2007), “El análisis organizacional. Un modelo para armar. Reflexiones en torno a Eugène Enriquez”, en Luis Montaño Hirose (ed.), Enigmas y laberintos. Eugène Enriquez y el análisis organizacional, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa y Red Mexicana de Investigadores en Estudios Organizacionales, México, pp. 17-47.

Moraes, M. C., & Torre, S. D. L. (2002). Sentipensar bajo la mirada autopoietica o cómo reencantar creativamente la educación. *Creatividad y sociedad*, 2, 41-56.

Morgan, Gareth. (1986): *Imágenes de la Organización*. México: Alfaomega. Segunda Edición en Español. Capítulos 10 y 11.

Orrego & Arboleda (2005). Las Organizaciones de Economía Solidaria: Un modelo de gestión innovador. *Revista Cuadernos de Administración Universidad del Valle*, 34, 97-110.

Pfeffer, Jeffrey. (2000): *Nuevos Rumbos en la Teoría de la Organización*. Oxford University Press México, S.A. de C.V. Págs. Prefacio, Capítulos 1, 8 y 9.

Quijano, O (2015). Reseña libro *Sentipensar con la tierra Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio, y diferencia*. *Nómadas* 42, abril de 2015, Universidad Central, Colombia

Richard L. Daft. 2005. *Teoría y diseño organizacional*. Thomson: México. 8a ed. 699 páginas. Formato: pulgadas. ISBN 970-686-363-X.

Rosental y Ludin, 1942. *Diccionario Filosófico Marxista*. Ediciones Pueblos Unidos. Disponible en <http://www.filosofia.org/urss/dfa1959.htm> Consulta Septiembre de 2016

Villavicencio, Susana y Naishtat Francisco y García Raggio Ana María. Compiladores. (2001) *Filosofías de la universidad y conflicto de racionalidades*. Ediciones Colihue

Simon, Hebert T. (1945): *El Comportamiento Administrativo*. Madrid: Editorial. Aguilar. Introducción a la Segunda Edición. Págs. IX-XLIII

Weber, Max. (1977): “La Dominación Legal con Administración Burocrática”. En: *Economía y sociedad*. Colombia: Fondo de Cultura Económica. Primera Reimpresión de la Segunda Edición en Español.

Weber Max. (1985): *La Ética Protestante y el Espíritu del Capitalismo*. Barcelona: Ediciones Orbis S.A.

Wallerstein. Inmanuel (1998) *Impensar las ciencias sociales*. Coedición CIICSH UNAM.

SOBRE O ORGANIZADOR

Wilson Noé Garcés Aguilar es Doctor en Administración de la Universidad del Valle (2020), Magister en estudios interdisciplinarios del desarrollo de la Universidad del Cauca (2018) y Contador Público de la Universidad del Valle (2011). Docente universitario en el suroccidente colombiano en áreas contables, administrativas, financieras y humanas. Ha sido director y evaluador de trabajos de grado y posgrado en universidades latinoamericanas. Se ha desempeñado como par evaluador de revistas y editoriales nacionales e internacionales en el área de la administración, estudios organizacionales y negocios.

Es investigador interdisciplinario en ciencias sociales y humanas reconocido por el Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovación en Colombia. Ha sido miembro de los grupos de investigación VINCO de la Universidad Cooperativa de Colombia, del grupo Investigaciones Contables, Económicas y Administrativas -GICEA- de la Universidad del Cauca, del Grupo de Investigación Minka de la Fundación Universitaria de Popayán, de los grupos de investigación Territorios, IREHISA y Grupo de investigación Nuevo Pensamiento Administrativo de la Universidad del Valle, del Grupo de investigación GIICO de la Fundación Universitaria Lumen Gentium Unicatólica Cali y de los grupos de Investigación Interdisciplinario en Ciencias Sociales y Humanas y Gestión, Desarrollo y Sociedad de la Corporación Universitaria Autónoma del Cauca.

Es miembro de redes de conocimiento especializado: Red de investigadores ASCOLFA Sur Occidente RIASCOLFA – Colombia, Red Educación y Economía Social y Solidaria, y de la Red de investigadores latinoamericanos de economía social y solidaria.

Participa activamente de eventos científicos en Latinoamérica en calidad de conferencista y ponente y cuenta con variada publicación de artículos y capítulos de libros.

Ha sido director de proyectos de investigación, coordinador de proyectos interinstitucionales con entidades públicas y asesor de programas de iniciación científica en los departamentos del Cauca y Valle del Cauca en Colombia.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aceitação e gestão 78, 120

Adaptação 20, 22, 25, 40, 42, 44, 46, 47, 48, 120

Administración 67, 68, 69, 70, 72, 73, 75, 76, 77, 119, 120

Ambiente institucional 40, 120

Avaliação 8, 17, 19, 20, 26, 33, 39, 52, 54, 55, 56, 57, 64, 65, 88, 90, 120

B

Bala de banana 13, 15, 18, 21, 22, 23, 25, 120

C

Caminhoneiros 104, 105, 106, 109, 114, 117, 120

Competências essenciais 40, 120

Coordenação 14, 40, 42, 44, 46, 48, 50, 120

D

Diversidad 67, 69, 72, 75, 76, 120

E

Ecosistema 1, 2, 6, 8, 9, 11, 12, 120

Egressos 53, 64, 94, 96, 99, 101, 102, 120

Empreendedorismo 1, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 19, 25, 26, 120

Estratégia 10, 11, 13, 27, 29, 31, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 45, 48, 49, 120

Estratégia gerencial 13, 120

Estratégias de suprimentos 27, 28, 120

Estudios organizacionales 67, 68, 69, 71, 72, 76, 77, 119, 120

Estudo de caso 13, 18, 27, 32, 34, 36, 38, 39, 78, 80, 83, 84, 90, 93, 120

F

Fábrica 13, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 120

Fortalecimento 10, 13, 21, 25, 48, 120

I

Impactos 59, 94, 102, 104, 106, 114, 117, 120

Inovação 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 16, 27, 28, 34, 46, 79, 120

Institucionais 40, 43, 46, 48, 111, 120

M

Marketing estratégico 40, 121
Mobilidade urbana 104, 110, 111, 112, 117, 118, 121
Modelo de negócios 1, 3, 7, 9, 121
Modelo lógico 52, 54, 56, 57, 58, 59, 62, 65, 121
Mudanças organizacionais 78, 79, 80, 81, 83, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 121

P

Patronato 94, 95, 96, 99, 101, 102, 103, 121
Perspectivas 2, 40, 75, 104, 106, 108, 117, 118, 121
Política pública 52, 54, 57, 58, 59, 94, 102, 121
Posicionamento estratégico 40, 121
Problemas estruturais 104, 105, 121
Programa 1, 27, 40, 42, 43, 44, 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 94, 95, 99, 100, 101, 121
Proliferações 67, 75, 121
Prouni 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 121

R

Resistência humana 78, 80, 82, 90, 91, 92, 121
Ressocialização 94, 95, 96, 98, 99, 100, 121

S

Seleção de fornecedores 27, 28, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 121
Startups 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 121

T

Teoria 12, 34, 38, 39, 52, 54, 56, 57, 58, 59, 63, 64, 65, 66, 78, 80, 92, 93, 121
Teoria do programa 52, 54, 56, 57, 58, 59, 63, 64, 65, 121
Teoria institucional 78, 80, 92, 121

U

Universidade 27, 40, 51, 52, 53, 64, 78, 80, 93, 94, 103, 117, 118, 121



**EDITORIA
ARTEMIS
2020**